

A RELAÇÃO HUMANA COM O MUNDO E A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS DE HANNAH ARENDT

Odair Vieira da SILVA¹
Cláudia Konstansky VIEIRA²

1

RESUMO

O artigo ora apresentado pretende realizar uma análise reflexiva sobre a educação e sua relação humana com o mundo, tendo como suporte teórico as obras da filósofa alemã Hanna Arendt (1906-1975), sobretudo os livros a “*A condição Humana*” e “*Entre o passado e o futuro*”. Inicialmente, as análises terão como ênfase a caracterização feita pela autora sobre a ação humana na Terra em três atividades fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. Em seguida, abordaremos a crise educacional ligada à falta de cuidado e responsabilidade pelo gênero humano, na condução dos recém-chegados para a conservação e preservação do mundo.

Palavras chave: Condição Humana. Educação. Formação. Hanna Arendt.

ABSTRACT

The article presented here intends to carry out a reflective analysis on education and their human relationship to the world having as theoretical support the works of German philosopher Hannah Arendt (1906-1975), especially the books " *The Human Condition*" and " *Between the past and the future*". Initially, the analysis will have to emphasis the characterization made by the author on human action, on Earth on three main activities: labor, work and action. Then we will address the educational crisis linked to the lack of care and responsibility for humankind, in the conduct of newcomers to the conservation and preservation of the world.

Keywords: Human Condition . Education. Formation. Hanna Arendt .

1. INTRODUÇÃO

O ato de aprender é algo que faz parte da vida do ser humano, desde o momento em que nascemos até o findar de nossa existência estamos participando desse processo. Aprender a falar, andar, entre outras infindáveis atividades são indispensáveis para nossa formação cognitiva, corporal e afetiva.

No decorrer desse processo, podemos adquirir conhecimentos de maneira informal e formal. Os conhecimentos adquiridos de maneira informal são imprescindíveis para a nossa

¹ Mestre em Filosofia e História da Educação – UNESP/FFC – Marília/SP; Pós-graduado em Gestão do Currículo – USP/FEUSP – São Paulo/SP; Pós-graduado em Ciências Humanas: Cidadania e Cultura – UNICAMP/IFCH - Campinas/SP; Bacharel e Licenciado em Geografia – UNESP/FCT – Presidente Prudente/SP; Docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral – FAEF – Garça/SP. E-mail: odairvieira@prof.educacao.sp.gov.br.

² Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Marília – FAMEMA – Marília/SP. E-mail: ckonstansky@bol.com.br

vida e se dão por meio do convívio familiar, grupo de amigos, ou seja, nas relações do dia a dia. Já o conhecimento formal é adquirido por meio da educação escolar, esta forma de conhecimento é de suma importância para a formação e a inserção dos indivíduos na sociedade.

Contudo, nas últimas décadas temos notado o acirramento de uma crise sem precedentes na história da educação escolar. Os sistemas de ensino e as instituições escolares não estão conseguindo formar as novas gerações pelo “conjunto de estruturas racionais, culturais, científicas, políticas, históricas, linguísticas, sociais e econômicas” (ARENDRT, 2005 apud CESAR; DUARTE, 2010, p. 826). Nesse sentido, o presente trabalho pretende refletir sobre a crise educacional da atualidade utilizando como suporte teórico as obras da filósofa alemã Hanna Arendt (1906-1975), sobretudo os livros *“A condição Humana”* (1958) e *“Entre o passado e o futuro”* (1961).

Primeiramente, faremos uma abordagem sobre a reflexão filosófica política acerca das três atividades fundamentais da ação humana na Terra, expressos no livro *“A condição humana”*, a saber: o labor, o trabalho e a ação. Em seguida, abordaremos a crise educacional ligada à falta de cuidado e responsabilidade pelo mundo, na condução dos recém-chegados para a conservação e preservação do mundo.

Por fim, será aludida a questão da falta de confiança e fiabilidade no mundo por meio da instabilidade e incoerência do mundo adulto, que mantém os recém-chegados numa condição infantilizada e alienada. Outro aspecto reside na constante ameaça à durabilidade e conservação das instituições, da memória, da cultura e do conhecimento construído historicamente e socialmente pela humanidade. Essas instituições que conduziram e ainda conduzem o modo de ser humano, vem sendo constantemente ameaçadas pela racionalização e instrumentalização de caráter utilitário atualmente assumido pela educação, bem como por meio do desenvolvimento econômico e social da humanidade e pela crise política da modernidade.

2. A EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO HUMANA COM O MUNDO

De acordo com Arendt (2007), podemos caracterizar a ação humana na Terra em três atividades fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. Para a autora o labor visa à preservação da vida em sentido biológico e está ligado as necessidades vitais da condição humana. No que tange ao trabalho, sua atividade está ligada ao artificialismo da existência humana, ou seja, “[...] o trabalho produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural” (Idem, Ibid, p. 15). A autora também almejou buscar a marca da condição humana pela ação. Para ela, “[...] a ação é única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (ARENDDT, 2007, p.15).

Nesse sentido, a ação possibilita a condição humana da pluralidade e a vida no sentido político. Para a autora, “[...] a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha existir” (Idem, ibid, p. 16).

As constatações acima evidenciam que para Arendt, as três atividades do ato humano o labor, o trabalho e a ação, exercem íntima relação com as condições mais gerais da existência humana, que vão desde o nascimento até a morte.

O labor assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. O trabalho e seu produto, o artefato humano, emprestam certa permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. O labor e o trabalho, bem como a ação, têm raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta. Não obstante, das três atividades, ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é de agir. Neste sentido de iniciativa, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade. (ARENDDT, 2007, p. 16 e 17)

Assim, cada nascimento humano propicia um novo recomeço, para os seres humanos, “[...] nascer não significa simplesmente aparecer no mundo, mas constitui um novo início no mundo” (CESAR; DUARTE, 2010, p. 825). A condição humana da

natalidade é a categoria central do pensamento político e da ação, pois garante aos homens a possibilidade de agir no mundo e de estabelecer novas relações (Idem, ibid, 2010). Nesse aspecto, podemos aventar que ação é o que distingue o ser humano do animal ou da coisa, pois a ação inclui a memória, a história, a pluralidade e a política, desse modo,

Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens. A atividade do labor não requer presença de outros, mas um ser que laborasse em completa solidão não seria humano, e sim um *animal laborans* no sentido mais literal da expressão. Um homem que trabalhasse e fabricasse e construísse num mundo habitado somente por ele mesmo não deixaria de ser um fabricante, mas não seria um *homo faber*: teria perdido sua qualidade especificamente humana e seria, antes, um deus – certamente não o Criador, mas um demiurgo divino como Platão o descreveu em um de seus mitos. Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem um deus é capaz da ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença dos outros. (ARENDDT, 2007, p. 31)

Desse modo, a relação entre a ação e a vida em comum estão fundamentadas no fato do homem ser por natureza um ser político e social. Todavia a percepção e a experiência de mundo, bem como a relação com o outro não é dada, mas é resultado de uma construção.

Para Arendt (1995), o mundo é uma construção propriamente humana, constituído por um conjunto de artefatos e de instituições duráveis, destinados a permitir que os homens estejam continuamente relacionados entre si, sem que deixem de estar simultaneamente separados. O mundo não se confunde com a terra onde eles se movem ou com a natureza de onde extraem a matéria com que fabricam seus artefatos, mas diz respeito às múltiplas barreiras artificiais, institucionais, culturais, que os humanos interpõem entre eles e entre si e a própria natureza. No pensamento de Arendt (1995), o mundo refere-se também àqueles assuntos que estão *entre* os homens, isto é, que lhes *interessam* quando entram em relações políticas uns com os outros. Neste sentido mais restrito, o mundo também designa o conjunto de instituições e leis que lhes é comum e aparece a todos”. (CESAR; DUARTE, 2010, p. 825, grifos dos autores)

Nessa perspectiva, Arendt cogita que apenas os seres humanos mantêm uma relação privilegiada com o mundo e cabe “[...] à educação a delicada tarefa de empreender a adequada inclusão dos recém-chegados num mundo que lhes antecede, que lhes é estranho e que, ademais, deve perdurar após a sua morte” (CESAR; DUARTE, 2010, p. 825). Assim, a educação exerce o papel de ser a mediadora da relação dos homens com o mundo. Desse modo, “a educação não pode jamais ser entendida como algo dado e pronto, acabado,

mas tem de ser continuamente repensada em função das transformações do mundo no qual vêm à luz novos seres humanos” (Idem, *ibid*, p. 826).

Para Arendt (2005), as transformações do mundo são ocasionadas porque o mesmo está sujeito a novidade e a constante instabilidade provocadas pela ação dos recém-chegados. Contudo, a educação cumpre um papel primordial no sentido de favorecer a construção de valores de responsabilidade pelo mundo e pela continuação e conservação “das estruturas racionais, científicas, políticas, históricas, linguísticas, sociais e econômicas que constituem o mundo no qual eles vivem” (CESAR; DUARTE, 2010, p. 826). O sentido de conservação expresso por Arendt assume um papel de “[...] formação para o cultivo e o cuidado futuro para um mundo comum, o qual para poder ser transformado, também deve estar sujeito à conservação” (Idem, *ibid*, p. 826).

Por esse motivo, é necessário que os recém-chegados conheçam a complexidade do mundo em que vivem por meio dos aparatos educacionais. O conhecimento dessa complexidade servirá de amparo para que se algum dia intentarem transformar o mundo quando em sua fase adulta, que seja por meio da ação política (CESAR; DUARTE, 2010).

Nesse sentido, Foucault (2011) assevera sobre a necessidade de se impulsionar uma dinâmica formativa que fomente o cuidado de si e o cuidado dos outros, pensando essa dinâmica como uma experiência de *Bildung* (formação). Para Castrillón (2003, p. 214 apud FREITAS, 2013, p. 334-335), “[...] todo o trabalho tardio de Foucault pode ser considerado como uma obra de *Bildung*”.

Arendt (2005), assegura que a educação ocupa um lugar paradoxal, pois deve ser responsável pela capacidade humana de preservar e ao mesmo tempo transformar o mundo.

[...] essas duas responsabilidades de modo algum coincidem; com efeito, podem entrar em mutuo conflito. A responsabilidade pelo desenvolvimento da criança volta-se em certo sentido contra o mundo: a criança requer cuidado e proteção especiais para que nada de destrutivo lhe aconteça da parte do mundo. Porém também o mundo necessita de proteção, para que não seja derrubado e destruído pelo assédio do novo que irrompe sobre ele a cada nova geração. (p. 235)

Essa contradição entre conservação e transformação nos leva a seguinte indagação, onde fica papel relegado à confiança e a fiabilidade no mundo? Note-se que não estamos fazendo referência a confiança e fiabilidade da criança pelo mundo, estamos fazendo

referencia ao complexo processo que envolve a segurança e a fiabilidade para o cuidado de si e dos outros, para o cuidado e a responsabilidade com o futuro comum do mundo.

Nesse sentido a educação, enquanto instituição responsável pela perpetuação do saber e do conhecimento assume papel fundamental. De fato, o saber e o conhecimento são condições que nos permite certa fiabilidade e confiança no mundo. É o próprio conhecimento que permite uma relação de segurança e confiança em si mesmo e no mundo. O conhecimento nos permite conhecer o mundo e estabelecer uma nova relação com o mesmo.

Desse modo, a experiência e o uso do mundo pelas crianças pelo viés educacional não é tido como algo dado, mas é resultado de uma construção. A criança constrói essa relação de fiabilidade e confiança por meio da relação com os objetos do mundo. Todavia, essa relação de confiança e fiabilidade no mundo está ameaçada, primeiro pela crise política da modernidade e segundo pelo desenvolvimento econômico e social das últimas décadas que tem colocado em risco as noções de durabilidade, identidade e permanência.

Os objetos duráveis se tornam mutáveis, pois se tornam descartáveis, ou seja, ocorre a falta de durabilidade. No mundo atual o processo de produção e circulação gera uma relação pequena com aquilo que nos dá a noção de durabilidade. Nós vamos abandonando o fetichismo desses objetos e vamos tendo uma lógica nada familiar com os produtos, a troca constante de produtos e objetos. Segundo Arendt (2007) essa rotatividade faz com que percamos essa experiência e a nossa identidade pois,

[...] as coisas do mundo têm a função de estabilizar a vida humana; sua objetividade reside no fato de que – contrariando Heráclito, que disse que o mesmo homem jamais pode cruzar o mesmo rio – os homens, a despeito de sua contínua mutação, podem reaver sua invariabilidade, isto é, sua identidade no contato com os objetos que não variam, como a mesma cadeira e a mesma mesa. Em outras palavras, contra a subjetividade dos homens ergue-se a objetividade do mundo feito pelo homem. (p.150)

Arendt (2007), em sua reflexão filosófico-política, analisa e critica noção de subjetivismo imposta pelo mundo moderno, que de certa forma leva a reificação dos homens e a falsa sensação de confiança e segurança no mundo. Contudo, outro aspecto

ligado à perda de confiança e fiabilidade pelo mundo por parte das crianças é, que essa confiança e segurança é possibilitada pelo mundo adulto.

Nesse aspecto, a autora denuncia o processo de alienação dos adultos no que diz respeito ao mundo que cria uma relação perniciosa para a educação e sua finalidade, que é a de “proporcionar aos jovens e crianças um adequado deslocamento do espaço privado da família para o espaço público do bem comum” (CESAR; DUARTE, 2010).

7

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios e as normas que regem a formação humana nunca foram tão questionados e criticados como na atualidade. Nas últimas décadas apesar da tão propalada busca pela qualidade dos processos educacionais, o que vemos de fato é uma crise estrutural sem precedentes históricos. Nessa perspectiva, conhecer e pensar sobre os problemas educacionais são de suma importância para reflexões críticas a respeito do próprio processo educativo.

No campo político e institucional, percebemos uma grande movimentação, tanto por parte da cobrança ou pressão popular como dos grandes meios de comunicação. Nesse sentido, percebemos que a crise educacional da atualidade se converteu num problema político de primeira grandeza. Desse modo, é notório que a crise política da modernidade, traz consequências nefastas para o processo formação dos indivíduos que se transfigura num problema social de caráter imanente.

De acordo com Severino (2000), a educação brasileira não tem sido mais uma alavanca de transformação social, pois, no caso da “[...] sociedade brasileira, ainda sob o império da formação econômica capitalista, o núcleo substantivo de todas as relações sociais é a relação produtiva” (p.71). Todavia, ainda segundo o mencionado autor, a educação apresenta uma característica ambígua: de um lado serve aos interesses ideológicos da doutrina neoliberal, disfarçando e atenuando os conflitos e as contradições sociais; de outro, “[...] pode também desmascarar e aguçar a consciência dessas contradições, contribuindo para sua superação no plano da realidade objetiva” (Idem, ibid, p. 71). Desse modo, é preciso superar o reducionismo da formação a dimensão técnico-

instrumental, que de certa forma, tem favorecido a adaptação cega à condição social vigente, consagrando uma visão utilitária da educação que leva os indivíduos a uma condição de anulação, de conformismo e de alienação. Assim, é preciso reforçar a necessidade de construção de um modelo educacional verdadeiramente emancipatório, por meio da autorreflexão e da crítica às condições objetivas de dominação. Daí a necessidade de garantir que os processos educacionais efetivem sua emancipação por meio de uma educação voltada “para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 1995, p. 183).

4. REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, H. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007

_____. *Entre o passado e o futuro*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CÉSAR, M. R. A. DUARTE, A. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. São Paulo: *Educação e Pesquisa*, v. 36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a12.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2015.

FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREITAS, A. S. A parresía pedagógica de Foucault e o êthos da educação como psicagogia. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2013, vol.18, n.53, pp. 325-338. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n53/05.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2015.

SEVERINO, A. J. **Educação, trabalho e cidadania**: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. São Paulo em Perspectiva. 2000, vol.14, n.2, p. 65-71. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9790.pdf>>. Acesso em 03 jun. 2015.